
Comunicação Visual para a cidadania: por um jornalismo consciente da produção e das consequências do fazer jornalístico¹

Rafaella Lopes Pereira PERES²

Giulia Mariê FONSECA³

Helder Henrique Nunes de CARVALHO⁴

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

RESUMO

O trabalho trata de uma experiência docente e discente específica, que aborda a comunicação visual baseada nas teorias do Design da Informação (DI) aplicado à prática jornalística. Para tanto, consideramos a produção do Jornal Laboratório Projétil e coletamos algumas reportagens das edições 100 e 102 para a análise da relação entre os conteúdos verbal e visual e a discussão do impacto da comunicação visual na construção de sentido e acesso à mensagem jornalística. De forma complementar, refletimos sobre a implicação das teorias do DI na prática jornalística e destacamos, como resultado, a relevância do entendimento dos processos e das consequências das escolhas produtivas de forma a promover um jornalismo crítico e socialmente consciente.

PALAVRAS-CHAVE: análise; visualidade; estrutura visual; produção de sentido.

INTRODUÇÃO

Iniciamos esta discussão de forma ensaística, a partir de uma experiência específica de ensino-aprendizagem. Uma graduada e doutora em Design, que atua como docente em um curso de jornalismo, ministrando disciplinas, em especial, relativas à Comunicação Visual; uma estudante de Jornalismo, ex-estudante de Arquitetura e Urbanismo e; um estudante de Jornalismo, ex-estudante de Administração e Direito. Docente e monitores da disciplina obrigatória responsável pela produção do Projétil, jornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Neste contexto, as discussões aqui propostas são parte de um exercício de aprofundamento teórico-metodológico da relação intrincada entre a Comunicação Visual, o Design da Informação (DI) e o Jornalismo, a partir de perspectivas de gênero, raça e atuação diversas. Refletimos como o DI e a diversidade promovem uma maior consciência

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a cidadania, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Pesquisadora e professora no Curso de Jornalismo da FAALC-UFMS, email: rafaella.peres@ufms.br

³ Estudante de Jornalismo da FAALC-UFMS, email: giulia.marie@ufms.br

⁴ Estudante de Jornalismo da FAALC-UFMS, email: helder_carvalho@ufms.br

dos processos produtivos, maior atenção ao público-alvo e às consequências da produção e, como essa consciência influencia o processo de aprendizagem e um impacto social mais positivo. Em maior medida, a qualidade da aprendizagem e o efeito social dessas áreas.

Quando tratamos de comunicação visual para a cidadania, nos preocupamos em como relacionar os preceitos do DI, do Jornalismo e da diversidade nesta equação. Portanto, falaremos sobre isso a partir de uma perspectiva de sala de aula e da ideia de que o jornalismo é essencialmente visual desde sua origem; a partir da ideia de que não é possível fazer jornalismo sem pensar visualmente e sem considerar todos os tipos de mídias em que a mensagem será veiculada. Falaremos sobre isso, a partir da concepção de que o conhecimento dos processos é o que nos permite entender a importância das escolhas que levam ao resultado das produções e certos de que o desconhecimento dos procedimentos produtivos, de um modo geral – seja por parte do/a produtor/a ou do/a receptor/a –, nos leva à confiança nas desinformações e ao enaltecimento da superficialidade – características pungentes das sociedades atuais. Ainda, falaremos sobre todos esses assuntos, atravessados pelas questões de vida e de atuação diversas; imbuídos da ideia de que uma atuação consciente dos diferentes modos de vida e das demais questões que os atravessam, como gênero, raça, cultura, classe, é imprescindível.

Acreditamos que essa correlação entre áreas é um caminho para tornar as informações jornalísticas (mais) acessíveis, assim como promover processos de produção (mais) expressivos. Além disso, pode auxiliar em escolhas conscientes, na previsão de meios, contextos e modos de acesso à informação, em uma avaliação embasada e em uma interpretação e compreensão das informações jornalísticas com repercussão social positiva. Pode parecer utópico e hiperbólico. Porém, para além do que se intui no senso comum, a visualidade e o design (comumente relacionados à harmonia, ao deleite visual, à beleza) tem ressonância direta na absorção da informação e, arriscamos – quando feita de modo adequado –, na construção de uma consciência social mais encorpada, essencial à participação ativa dos indivíduos na sociedade.

No caso da Comunicação Visual, o jogo relacional entre elementos compositivos é regido por normas e estratégias que conformam as peças comunicativas e estabelecem o diálogo com o/a leitor/a/receptor/a. Neste jogo, a consciência da compreensão possível – em termos de significados – (DONDIS, 2003) é essencial, pois cada decisão tomada no processo compositivo deixa de lado outras inúmeras possibilidades. Neste contexto, a produção de uma visualidade para a comunicação, se baseia em uma forma seleta de ver

uma determinada informação/temática/proposição reflexiva, com mais ou menos atenção, agudeza, sinalização/orientação (FONTCUBERTA, 2003).

O conhecimento dos elementos que compõem a visualidade, assim como das possibilidades de organização e relação desses elementos (verbais e visuais - cor, tipografia, formas, símbolos, espaços, entre outros) é o que permite a construção de uma mensagem mais apropriada às propostas comunicativas. O resultado das decisões compositivas é o que determina o acesso à mensagem e aos significados das manifestações visuais, com fortes implicações no que será recebido, decodificado, interpretado e entendido. Neste artigo, então, observamos o processo produtivo e de composição de visualidades realizado no âmbito da produção do Projétil. Em especial, em quatro conteúdos jornalísticos/composições visuais apresentados nas edições 100 e 102 (Figura 1) do jornal. Dois deles reportagens com mais de duas páginas (“O jogo dos compadres à frente do Projétil”, páginas 16 a 21 da edição 100 e “Escravidados para além do tempo”, páginas 8 a 10 da edição 102) e os outros dois, textos opinativos de uma a duas páginas (“Isto não é um jornal”, páginas 22 e 23 da edição 100 e” Prazer,,” página 14 da edição 102).

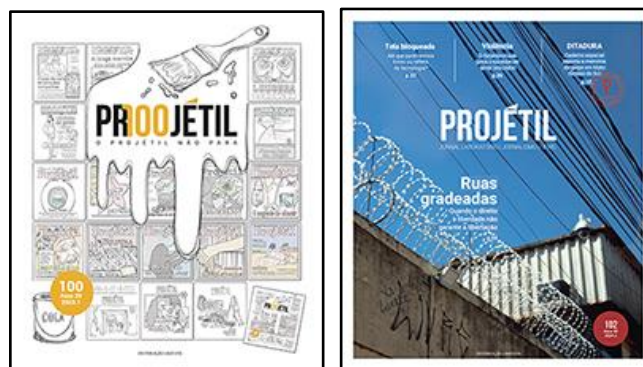


Figura 1 – à esquerda, capa da edição 100 do Projétil - edição comemorativa que rememora as reportagens mais emblemáticas do jornal laboratório, em especial as de viés social; à direita, capa da edição 102 – com o mote ‘liberdade’ e temas como trabalho análogo à escravidão, ressocialização de detentos/as, jornada dupla, violência no futebol, entre outros; além do caderno especial sobre os 60 anos da Ditadura Militar em MS. fonte: produção das/os autoras/es

Além disso, o conhecimento minucioso e cauteloso das etapas produtivas do DI, promove não só resultados mais correspondentes, mas também a possibilidade de refletir sobre o próprio processo produtivo, a pertinência das escolhas realizadas, a correlação entre os elementos e significados propostos, as condições de acesso e interpretações possíveis e, por fim, as consequências/impactos sociais das produções jornalísticas. Cada escolha realizada no processo produtivo tem e provoca um significado e precisamos estarmos atentos a eles se quisermos que as escolhas não sejam meras repetições de padrões

preestabelecidos, muitas vezes excludentes, opressores e preconceituosos. Almejamos produções que tenham consistência visual e de significado, de forma que sejam capazes de promover reflexões profundas, facilitar o entendimento, adensar a experiência de contato com produções jornalísticas e suscitar um acesso crítico às informações compartilhadas.

O DI, neste contexto, converge princípios e metodologias que emergem das relações de complexidade entre as duas áreas que aparecem no seu próprio nome, para dar conta de demandas de comunicação em um universo informacional imenso. Há muito tempo, contudo, naturalizamos a informação visual, ignorando que toda produção comunicativa é construção. Ela é responsável por construir discursos a partir da articulação de processos de significação edificados em princípios do campo produtivo e de conceitos e contextos socioculturais alocados. “Há muitas formas de comunicação visual, e nenhuma delas é desprovida de ideologia” (PATER, 2020, p.4). Assim, defende-se que ao trabalhar os elementos visuais com uma intenção o/a produtor/a seleciona e relaciona esses elementos de diferentes maneiras, privilegiando (ou não) a mensagem e o público-alvo.

METODOLOGIA E BASES TEÓRICAS

A análise visual e de produção das reportagens realizadas para as edições 100 e 102 do Projétil será feita a partir de um modelo de análise já em uso; composto por direcionamentos teóricos de pesquisadores que propõem meios de análise dos modos de simbolização (TWYMAN, 1985), da estruturação de variáveis visuais (PETTERSON, 2012) e da observação dos elementos compositivos da linguagem visual (KANDINSKY, 2012; VILLAFANE, 2008 e DONDIS, 2003).

A partir da observação analítica - considerado, inclusive, o acompanhamento do processo produtivo pelos autores deste trabalho, como orientadora e produtores/monitores do Projétil -, identificaremos e discutiremos o conteúdo sintático e semântico das representações visuais e as consequências consideradas no planejamento da produção. Assim como, a importância do conhecimento dos processos no âmbito do próprio trabalho e, também, da recepção das informações jornalísticas.

A ideia é explicitar processos produtivos de uma criação colaborativa no ensino de jornalismo e identificar elementos da composição visual que determinam a produção das peças comunicativas selecionadas, para verificar as estratégias retóricas visuais produzidas com recorte social, pensando como elas trabalham a representação daquilo que comunicam (ou daquilo que pretendem comunicar). Para assim, ponderar uma prática

educativa que evidencie o conhecimento dos processos e um acesso à informação consciente do fazer produtivo e das questões sociais brasileiras.

Neste processo, tomamos como base conceitual e teórica os apontamentos realizados por Twyman (1985), no que concerne os modos de simbolização verbal (palavra, frase, sentença e/ou bloco de texto), pictórico (formas visíveis semelhantes ao mundo real) e esquemático (unidades formais como pontos, linhas, setas, formas abstratas, espaço entre formas); Spinillo (2000), em especial a discussão sobre o campo da linguagem gráfica e as possibilidades de apresentação da visualidade e; a estruturação de variáveis proposta por Petterson (2012) em conteúdo, execução gráfica, contexto e formato. Ainda de Spinillo (2000), tomamos de base orientadora um esquema analítico que indica e descreve as possibilidades de apresentação de variáveis visuais, considerando os tipos de texto verbal utilizados, as possibilidades de organização de figuras, a quantidade e tipos de indicativos de direcionamento de leitura/visualização, o uso de dicas de separação/conexão, o uso de dispositivos simbólicos, as possibilidades de estilo estético das figuras e a presença, ou não, de forma parcial ou completa, do/a executor/a e/ou emissor/a da mensagem.

No caso de Petterson (2012), a observação do conteúdo, tudo aquilo que concede informação à imagem e que disponibiliza dados; o entendimento da execução gráfica, a especificação da forma ou do estilo estético dos componentes da imagem, a partir da combinação dos elementos básicos, com características plásticas que podem variar estilo, luz, contorno, tamanho, cor, contraste, composição, peso, qualidades técnicas, códigos, ritmo, velocidade, aproximações e afastamentos, profusão, efeitos visuais; o conhecimento do contexto interno ou externo; assim como a consideração do formato, o suporte e meio no qual é apresentada e compartilhada a visualidade; é o que nos permite compreender a representação e reconhecer suas formas dominantes e, por conseguinte, moderar a produção e a recepção.

A junção desses conceitos aparece na tabela abaixo (Tabela 1), que usamos para analisar e discutir, qualitativamente, sobre os elementos e observações realizados.

Tabela 1 - proposta estruturada de modelo descritivo-analítico

variedade	descrição	variação	significações
1. conteúdo	quantidade de detalhes expostos, tudo aquilo que concede informação à imagem e que disponibiliza dados	de objetos, tempo, lugar, espaço, eventos, humor, tensão, deslocamento temporal, paralelismos, metáforas, relevância e credibilidade, comparações, sons, emoções ...	significados propostos a partir das informações e variações utilizadas

2. execução gráfica	especificação da forma ou do estilo estético dos componentes da imagem, a partir da combinação dos elementos básicos	de estilo, luz, contorno, tamanho (da própria imagem, em relação ao tema, ou em profundidade), cor (saturação e luminosidade), contraste, ênfase, composição (organização, centro de interesse, equilíbrio), perspectiva (profundidade, ângulo, peso), qualidades técnicas, signos/ símbolos/outros códigos, ritmo, velocidade, aproximações e afastamentos, profusão, e efeitos visuais	significados propostos a partir das características plásticas
2.1. apresentação do texto	tipo de texto apresentado, como por exemplo, título, texto corrido, legenda, informação complementar	do tipo e da posição dos textos – desde títulos da postagem, referências, fontes, até explicações e/ou descrições terminológicas pontuais	“
2.2. organização	horizontal, vertical, diagonal, circular, ramificada, em caixas de texto com uma, duas ou mais linhas	do tipo e da quantidade de linhas, considerando a proporção (tamanho em comprimento) entre as linhas de texto corrido/blocos de texto	“
2.3. guias de leitura	ou indicativos de direcionamento de leitura/visualização - números, letras, setas, ou a própria lógica sequencial (direcionamento de leitura ocidental ou a ideia de seguimento do carrossel do Instagram, por exemplo)	do tipo e da relação com a mídia e/ou formato de publicação/compartilhamento/acesso	“
2.4. dicas de separação	o próprio espaço “em branco”, linhas e/ou contornos, caixas delimitadoras, etc.	na posição dos tipos de separação (com presença frequente/repetição, ou não, das dicas)	“
2.5. dispositivos simbólicos	convenções estabelecidas que dependerão do contexto sociocultural da produção e da recepção (pictogramas, dicas de movimento, setas, linhas, etc.), ou empregados num contexto particular (como o uso da cor vermelha para indicar perigo, por exemplo)	do tipo, posição dos dispositivos, relações socioculturais etc.	“
2.6. dispositivos de ênfase	Destaque visual de um aspecto, elemento, informação, como, por exemplo, palavras em um formato diferenciado	do tipo, posicionamento, tamanho, formas, contraste etc.	“
2.7. estilo da imagem	fotografias, desenhos, esquemas ou sombras/contornos	do tipo, das características gráficas, da relação entre estilos etc.	“
2.8. representação	ausência ou presença parcial ou completa do personagem/ participante/produtor	evidência visual da participação do personagem/executor/comunicador etc.	“
3. contexto	se interno e/ou externo - o que faz parte da composição, que dá forma a uma imagem e o que a rodeia, a comunicação como um todo, produtores e suas intenções, leitores/interpretantes e as circunstâncias de recepção	do tipo e das relações estabelecidas	significados propostos a partir da consideração e explicitação do contexto interno/ externo
4. formato	o suporte e meio no qual é apresentada/compartilhada e as escolhas que também determinam o modo como as imagens são concebidas, se por pontos e <i>halftones</i> ou <i>pixels</i> , por exemplo	do tipo de suporte e meio de compartilhamento/acesso	significados propostos a partir das definições de superfície de base e/ou compartilhamento
5. considerações extras	*considerações específicas e/ou particulares das peças visuais analisadas	-	“

ANÁLISES E DISCUSSÕES

Antes de iniciar as análises, é necessário considerar que o Projétel, jornal laboratório do curso de Jornalismo da UFMS, é um periódico de mais de 30 anos em circulação, que passou por um processo de redesenho no primeiro semestre de 2018, e que, dentre outras alterações, teve uma reformulação considerável de projeto gráfico e, conseqüentemente, do processo produtivo. Outro ponto a ser levado em conta é que,

normalmente, as pautas trabalhadas em cada edição do jornal são definidas a partir de um tema central, ou tema ‘guarda-chuva’, debatido e escolhido coletivamente no início do semestre letivo. Nas edições analisadas aqui⁵, 100 e 102, os temas que guiaram a produção foram a história do próprio jornal e a ‘liberdade’, respectivamente.

Assim, além de considerar as particularidades e os objetivos comunicativos de cada pauta, o processo de elaboração da visualidade das reportagens que analisaremos parte também, inicialmente, das definições gráficas apresentadas no guia editorial do jornal⁶ e do tema escolhido, questões que direcionam o contexto de produção e objetivam conferir maior unidade visual ao material. No que diz respeito à edição 100 do Projétil, elaborada no primeiro semestre de 2023, analisaremos, a partir da metodologia previamente descrita, as produções ‘O jogo dos compadres à frente do Projétil’ (Figura 2), que trabalha a história do Projétil pela perspectiva da experiência de alguns dos professores orientadores que passaram pelo jornal, e ‘Isto não é um jornal’ (Figura 4), texto opinativo que aborda os processos de elaboração da publicação. Já na edição 102, desenvolvida no primeiro semestre de 2024, analisaremos a reportagem ‘Escravidados (para além do tempo)’ (Figura 3), responsável por tratar a questão do trabalho análogo à escravidão no estado de MS e ‘Prazer,’ (Figura 5), um texto opinativo que discute as questões sociais e de raça envolvidas na criminalização da maconha.

Não temos espaço neste artigo para apresentar todas as tabelas de análise, por isso, o que apresentamos na sequência é uma síntese, seguida de questões relevantes para entendermos a produção, as intenções comunicativas e os efeitos de sentido.



⁵ Disponíveis em: <https://jornalismo-faalc.ufms.br/projetil/>. Acesso em: 29 ago. 2024.

⁶ Disponível em: <https://acrobat.adobe.com/id/urn:aaid:sc:VA6C2:0bab68ae-132e-464e-802d-56c13be8bcb7>. Acesso em: 29 ago. 2024.

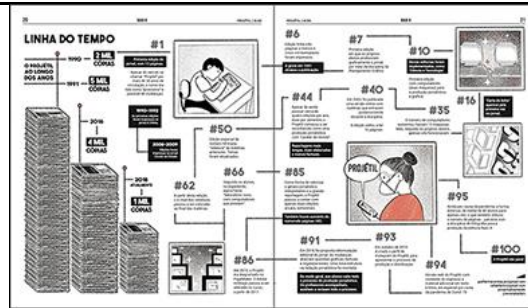


Figura 2 - Sequência de páginas que compõem a reportagem ‘O jogo dos compadres à frente do Projétil’, edição 100 do Projétil - fonte: produção das/os autoras/es



Figura 3 - Sequência de páginas que compõem a reportagem ‘Escravizados (para além do tempo)’, edição 102 do Projétil. fonte: produção das/os autoras/es



Figura 4 - Página dupla que compõe o opinativo ‘Isto não é um jornal’, edição 100 do Projétil. fonte: produção das/os autoras/es



Figura 5 - Página que compõe o opinativo ‘Prazer’, publicado na edição 102 do Jornal Laboratório. fonte: produção das/os autoras/es

Com base na metodologia apresentada e nas categorias de análise elencadas na Tabela 1, é perceptível que as quatro produções são apresentadas a partir das especificações visuais da mesma publicação, o *Jornal Laboratório Projétil*, definidas a partir do guia editorial, como mencionado; compartilhadas e acessadas no mesmo suporte e formato de jornal impresso; com o objetivo igual de promoção de uma produção jornalística experimental, crítica e socialmente consciente; em um contexto político-social-cultural semelhante (e um espaço temporal relativamente próximo, de um ano de diferença); com alguns elementos compositivos análogos (como o formato da página, *grid*, informações e elementos fixos, paleta cromática, formas tipográficas e demais componentes definidos pelo projeto gráfico do *Projétil*) e; com algumas dicas de apresentação/início de texto verbal e dispositivos simbólicos semelhantes (como os triângulos coloridos que localizam a editoria, as legendas das fotografias, e os triângulos pretos que indicam o final de cada produção, seguido dos *e-mails* dos responsáveis pela produção textual e/ou redes sociais dos ilustradores).

No entanto, as produções também apresentam questões que se diferenciam, como as intenções comunicativas, que são direcionadas para saciar as necessidades da elaboração da visualidade de produções sobre assuntos distintos (ainda que algumas estejam sob o mesmo ‘tema guarda-chuva’); o estilo das ilustrações e fotografias utilizadas entre as composições; bem como a disposição dos elementos nas páginas, as estratégias visuais e os elementos de ênfase/destaque; a quantidade de detalhes e as características plásticas/gráficas/ visuais, que também diferem consideravelmente.

Além das questões gráficas, é relevante indicar, também, que os processos produtivos são similares, pois seguem direcionamentos e divisões de equipe de trabalho equivalentes. As duas edições trabalharam com equipes distintas responsáveis por conteúdos noticiosos alocados em diferentes gêneros jornalísticos, como reportagem, perfil, opinativo, fotorreportagem, infografia, entre outros. Os processos, de um modo geral, seguem um passo a passo de execução que depende da definição do tema geral, da divisão de grupos de trabalho, da definição de pauta, pesquisa e levantamento de dados, discussão e revisão, entrevistas, checagens em diferentes momentos, produção de imagem, produção de conteúdo verbal e esquemático, redação, edição, diagramação e fechamento do jornal, para impressão e posterior compartilhamento na versão digital.

Contudo, atendem também especificidades bastante particulares. A edição 100, por exemplo, foi feita com uma equipe fixa menor e uma quantidade maior de colaboradores externos e parcerias com outros cursos, como o de Artes Visuais

(responsável pela produção de ilustrações para o jornal), desenvolvida durante todo um semestre (cinco meses) e enquanto produção especial, comemorativa das centésima edição do Projétil; ao passo que a edição 102 foi realizada com um *deadline* bem mais curto (em torno de três meses) e com toda a produção, incluídas as ilustrações, realizada pelas alunas e alunos matriculados na disciplina.

Na primeira análise (Figura 2), ‘O jogo dos compadres à frente do Projétil’, o objetivo principal foi produzir uma coletiva de imprensa com alguns professores responsáveis pelo jornal laboratório ao longo dos seus quase 35 anos de existência. Gerar um reencontro, um registro histórico e uma reportagem memorial com aqueles que já haviam passado pela redação do Projétil, até as atuais professoras responsáveis. Ainda, a diferença de gênero dos responsáveis pelo jornal antes (todos homens) e na atualidade (mulheres) foi uma questão importante, que guiou escolhas e decisões verbais e visuais. De um modo geral, a produção do conteúdo visou evidenciar a história do jornal, partindo de uma pesquisa extensa das antigas edições e do contato com professores, professoras, alunas e alunos egressos do curso de Jornalismo da UFMS. Por ser um dos conteúdos principais da edição, a reportagem ocupou seis páginas diagramadas em três páginas duplas, com a intenção de trabalhar da melhor maneira possível a relação entre texto e imagem e os principais acontecimentos históricos do jornal, considerando o impacto e as mudanças das edições mais recentes. Além do respeito à identidade visual (IV) do Projétil, o estilo visual das ilustrações - em traço com preenchimentos pontuais das formas -, criaram uma coesão visual entre as páginas e com o próprio jornal. O vermelho, uma das principais características visuais do Projétil desde sua criação, foi a cor usada nesta editoria, e no detalhamento das visualidades da reportagem. A ilustração que abre a matéria reproduz capas relevantes - citadas na coletiva - da história do jornal e os personagens apresentados nas páginas 17 e 19 apresentam os professores e professoras presentes na coletiva.

Nas tabelas preenchidas nesta análise, no item 5, de variedade, evidenciamos algumas ‘considerações extras’, pontuando, neste caso, a escolha da ilustração, incomum na editoria ‘aspas’. Esta decisão, e a delimitação retangular dos limites visuais em várias delas, visava trazer um aspecto de ‘história em quadrinhos’ para a narrativa; como uma forma de manter a coesão entre as páginas e unir as personagens apresentadas, já que são representações de professoras e professores que participaram do mesmo jornal em diferentes momentos temporais. Ainda, a escolha permite evidenciar feições e

características das personagens por meio de uma representação mais específica e subjetiva, considerada a percepção de alunas e alunos desses professores e professoras.

Em continuidade, a infografia, nomeada ‘O Projétil não para’, se utiliza de imagens e elementos esquemáticos para apresentar uma linha do tempo que aborda as mudanças gráficas e editoriais, assim como momentos significativos da história do jornal. As ilustrações seguem o mesmo estilo das páginas anteriores, porém, com uma disposição menos linear, guiada por linhas e pelos números das edições. Essa disposição, apresentada a partir de uma ordem cronológica não-linear, exige mais do leitor e confere maior dinamismo à composição, reforçando a história experimental, desafiadora e cheia de mudanças do próprio jornal. Ainda, o posicionamento da infografia no meio do jornal, nas páginas 20 e 21, também impacta a experiência de leitura, pois é a única página dupla inteira (sem corte). O uso pontual e criterioso de uma família tipográfica especial - não prevista no guia editorial do Projétil -, colabora para diferenciá-la visualmente dos demais conteúdos da edição.

Na segunda produção analisada (Figura 3), a reportagem ‘Escravidados (para além do tempo)’, o objetivo foi expor a experiência de trabalhadores submetidos a condições análogas à escravidão em uma fazenda de MS. O conteúdo apresenta as dificuldades enfrentadas por esses trabalhadores, desde a precariedade do alojamento até a falta de pagamento, ressaltando que essas condições não são apenas históricas, mas ainda atuais. A reportagem também destaca a atuação das autoridades e o uso de tecnologias para identificar e combater essa prática. A visualidade presente logo na abertura da produção, na apresentação do título por meio de uma metáfora visual que remete a grades de prisão, reforça a temática da escravidão e o absurdo da experiência.

O título e os traços em vermelho sobrepõem um conjunto de fotografias dessaturadas e em tonalidades inusuais, que propõem o acesso a imagens de acervo. As fotografias apresentadas são analógicas, escaneadas de arquivos do Ministério Público do Trabalho (MPT), o que reforça a autenticidade da narrativa e o acesso a uma experiência real de resgate. Imagens como essas - analógicas, escaneadas, com pouca nitidez, distorção cromática -, não são comumente usadas no Projétil, porém, complementam o texto ao ilustrar as condições degradantes dos trabalhadores. Elas variam em tamanho e contraste, sendo algumas carregadas para destacar aspectos específicos, coerentes com a temática. Representações de trabalhadores em condições de escravidão são visualmente evidenciadas com imagens impactantes, assim, a produção visual está alinhada com as limitações e orientações do guia editorial do Projétil e, também, com as intenções

comunicativas. Em outras reportagens da edição, as imagens são autorais, mas nessa as fotos de arquivo público destacam a relevância da documentação histórica.

O uso de elementos (linhas que cortam o texto e remetem às grades de uma prisão) na cor vinho, no título, remetem tanto à cor da editoria quanto a um alerta sobre a temática. A mesma tonalidade retorna na janela da terceira página de reportagem, como um elemento de conexão entre páginas. O uso dos elementos visuais-gráficos, na combinação de textos e imagens é um suporte para amplificar o pensamento crítico do/a leitor/a ao acessar a temática exposta, neste caso a escravidão. Assim, a comunicação visual com fins sociais é usada para promover a conscientização e a reflexão sobre questões urgentes, contribuindo para o entendimento das/os leitoras/es e evidenciando o pensamento crítico das produtoras.

Na terceira análise (Figura 4), do opinativo ‘Isto não é um jornal’, a intenção central era evidenciar o processo de produção do periódico - redação, edição, revisão - por meio de um conteúdo verbal que descreve o processo e, uma forma de apresentação visual condizente com ele. A produção é particular em diversos aspectos, a começar pela contribuição direta das professoras responsáveis pela disciplina de jornal laboratório desde 2022. Tendo em vista o objetivo de apresentar, especificar e exemplificar o processo reflexivo e produtivo do jornal, a visualidade foi elaborada para simular um dos processos mais longos e corriqueiros dentro da redação, o de correção textual, neste caso na plataforma *Google Docs*. Essa representação foi construída principalmente pela observação e replicação de alguns elementos e recursos que caracterizam visualmente a plataforma, como a paleta cromática, os destaques de textos, balões de comentários, os ícones de ferramentas, a diferença tipográfica - serifada no texto corrido (prevista no guia editorial do Projétil) e sem serifa nos comentários e correções, além da própria disposição de comentários ao lado do texto principal.

Apesar de respeitar características visuais e posicionamentos, não foi feita uma mera cópia do que é visto *online*. A experiência de leitura no jornal impresso foi um dos principais entraves da diagramação, o que exigiu adaptações como a distribuição do texto corrido em mais de uma coluna, a manipulação cromática para garantia de contraste figura-fundo, entre outras questões. A diferença da ocupação das colunas de texto, em comparação com os outros conteúdos da publicação, tornou necessário que os quatro mil caracteres de ‘Isto não é um jornal’ - tamanho usual dos textos opinativos, que ocupam apenas uma página - fossem dispostos em uma página dupla. Ainda, tendo em vista que a disposição atípica também exige que o/a leitor/a tenha familiaridade com processos de

edição de textos *online*, para compreender as relações existentes entre os textos verbais e a visualidade, foi inserido um sinal de atenção e uma explicação da intenção das/os produtoras/es. No fim, a intenção comunicativa é reforçada pelo próprio conteúdo, as escolhas da expressão gráfica, assim como as especificidades de contexto e formato e, conseqüentemente, as possibilidades de construção de sentido, que promovem a compreensão das escolhas visuais e do conteúdo. Talvez, essa produção seja uma das mais interessantes para a análise, pois se propõe exatamente a exemplificar verbal e visualmente o processo produtivo, a defesa que fazemos neste trabalho desde o início.

A quarta e última produção analisada (Figura 5), o opinativo ‘Prazer’, reflete sobre a criminalização da maconha no Brasil, mais especificamente sobre as associações social e historicamente construídas do uso da maconha nos diferentes grupos sociais; bem como as implicações de raça e classe - nível econômico e de escolaridade - no modo díspar em que as forças policiais, instâncias do poder judiciário e o próprio corpo social percebem e respondem diante dos indivíduos que fazem uso e/ou portam a maconha. A partir de pesquisa bibliográfica, observação de dados e índices sobre a temática, assim como a análise de conteúdos publicados em portais de notícias e redes sociais, a autora desenvolveu uma crítica verbal, que baseou a elaboração da visualidade do material.

Desde o redesenho do Projétil, os textos opinativos ocupam uma única página e são acompanhados por imagens ilustradas, produzidas comumente em parceria com o curso de Artes Visuais da UFMS. As ilustrações tendem a ser o destaque da página e buscam fortalecer e/ou ampliar as informações discutidas no texto verbal. Como mencionado, diferente de outras edições publicadas após o novo projeto gráfico-editorial, na edição 102 as ilustrações foram produzidas por alunas e alunos matriculados na disciplina; isso possibilitou, em termos de produção visual, uma discussão mais próxima, abrangente e coletiva sobre as possibilidades sígnicas e os códigos visuais utilizados na construção da ilustração, reflexões sobre as relações entre texto/ilustração e as possibilidades de diagramação, a realização de trocas mais diretas entre as diferentes equipes e a elaboração de *feedbacks* mais rápidos. Assim, em ‘Prazer’, foram levantadas algumas ideias para a informação visual do opinativo, trabalhados na ilustração e, também, na diagramação. As duas imagens criadas e utilizadas na página atuam em conjunto para reforçar a crítica explicitada na produção verbal e, ainda, ampliar a discussão sobre a distinção não só de tratamento, como das realidades vividas pelos atores envolvidos nas práticas acessadas.

De um modo geral, percebemos que o conhecimento dos processos e a reflexão a respeito não só das intenções comunicativas e etapas de produção, mas também das possibilidades interpretativas a partir do acesso, são uma condição de percepção das consequências da comunicação. Este exercício de análise evidencia que o conhecimento profundo dos processos produtivos e das escolhas compositivas não só aprimora a qualidade da informação transmitida, como também contribui para um jornalismo mais crítico e socialmente engajado.

CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

Este trabalho de análise fez parte de um esforço de atuação acadêmica (ensino e pesquisa), que relacionou diferentes áreas do conhecimento e suas intersecções produtivas, metodologias de produção e vieses sociais. Assume que o acesso à informação é ferramenta importante para o empoderamento social, mas que só terá impacto positivo quando produtor/a e leitor/a tiverem consciência de como a visualidade comunicativa é construída e forem capazes de compreender o significado das mensagens. Acreditamos que a comunicação visual é um fazer político e um agente de conscientização; uma atividade que deve estar imbuída do questionamento das conjunturas sociais tradicionais e dominantes, com consciência social e senso de responsabilidade coletiva.

Neste caminho, analisar as visualidades jornalísticas para poder pensar com mais profundidade sobre elas é uma das possibilidades de promover um jornalismo crítico e cauteloso. A partir de uma produção criteriosa com a estruturação e organização apropriadas da informação, com o acesso e entendimento do público e com consciência das consequências da mensagem, podemos evitar ruídos e incongruências. E, quem sabe, promover - ou mesmo ampliar - alguma consciência social⁷. As análises realizadas, ainda, evidenciam a importância do conhecimento dos processos para a compreensão das mensagens, assim como a consideração das capacidades e limitações das/os leitoras/es na interpretação das visualidades.

Levando em conta os objetivos do trabalho e o que foi previamente exposto, evidenciamos que a comunicação - verbal e visual - não é neutra e que, ao refletirmos sobre a promoção da consciência dos processos e dos potenciais acessos do público, evidenciamos também que ela não deve ser neutra, mas imbuída de intencionalidades e direcionamentos

⁷ Assumimos como ‘consciência social’ a sensibilidade às desigualdades, injustiças e outros problemas sociais, bem como a disposição para ações capazes de melhorar as situações de vida.

que contribuam para a eficácia da transmissão das mensagens e que promovam um uso ativo das informações compartilhadas. No conjunto dessa experiência discente e docente, concluímos que a comunicação visual, quando integrada conscientemente ao fazer jornalístico, potencializa a compreensão e o impacto das mensagens veiculadas. A abordagem intencional na elaboração das visualidades aliada ao compromisso com questões sociais como a luta contra a opressão, torna-se fundamental para promover um fazer jornalístico e um processo comunicativo que vá além da superficialidade e que seja capaz de fomentar uma sociedade mais informada e desperta para suas desigualdades.

REFERÊNCIAS

- DONDIS, D. A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. Trad. de Jefferson Luiz Camargo. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ENGELHARDT, Y. **The language of graphics: a framework for the analysis of the syntax and meaning in maps, charts and diagrams**. Amsterdã: ILLC, 2002.
- FONTCUBERTA, J. **Estética fotográfica: una selección de textos**. Barcelona: GC, 2003.
- KANDINSKY, W. **Ponto e linha sobre plano**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- PATER, Ruben. **Políticas do design**. São Paulo: Ubu, 2020.
- PERES, R. L. P. e TEIXEIRA, R. M. Design da Informação e Jornalismo com perspectiva de gênero: o caso da Rede Brasileira de Mulheres Cientistas. In **45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. João Pessoa: UFPB, 2022.
- PERES, R. L. P. **A recepção infantil de representações pictóricas de procedimento em sequências: o caso das receitas culinárias ilustradas**. Tese de doutorado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE, 2016.
- PETTERSON, R. **Image Design: drawings and photographs**. In: Information Design 3. Institute of Infology, 2012.
- SPINILLO, C. **An analytical approach to procedural pictorial sequences**. Tese de Doutorado não publicada. Department of Typography & Graphic Communication, The University of Reading, GB, 2000.
- TWYMAN, M. L. Using pictorial language: a discussion of the dimensions. In: Thomas M. Dufty & R. Waller (Org.). **Designing usable text**. Orlando: Academic Press, 1985, p.245-312.
- VILLAFANE, J. G. **Introducción a la teoría de la imagen**. Madrid: Pirâmide, 2008.
- WHITELEY, Nigel. **Design For Society**. London: Reaktion Books, 1993.